

Os cotidianos das famílias agricultoras *The daily lives of farming families*

PINHEIRO, Régis de Araujo¹; DEMENECH, Flaviana²; ANTUNES, Irajá Ferreira³; BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripoli⁴.

¹ Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, regispinheiroagro@gmail.com ; ² Núcleo de Formação da DRE – Rondonópolis/SEDUC, flavianademenech@gmail.com; ³⁻⁴ Embrapa Clima Temperado, iraja.antunes@embrapa.br; gilberto.bevilaqua@embrapa.br.

Eixo temático: 2. Ética, epistemologia, formação e construção do conhecimento agroecológico

Resumo

A agricultura emergiu como uma forma de adaptação ao meio que nossos ancestrais almejavam sobreviver. Para manter essa nova descoberta, percepções, sentidos, ações necessitavam ser transmitidas para as próximas gerações. Dessa forma, objetivou-se conceituar o que são os cotidianos rurais como um *espaçotempo* de criação, invenção, reinvenção e construção de conhecimento. Utilizou-se uma pesquisa qualitativa e participativa cuja técnica de pesquisa são as conversas. O ambiente de pesquisa caracteriza pelos municípios de Rio Grande e São José do Norte, com oito famílias agricultoras guardiãs de sementes como foco de análise. Percebe-se que os cotidianos rurais se configuram por meio de uma rede de saberes, fazeres, poderes que é capaz de interligar os atores sociais, perpetuar a agrobiodiversidade, e os saberes e práticas que lhe são intrínsecos. A semente crioula passa a ser a agulha que tece e une os diversos atores em uma única rede de compartilhamento de sementes, simbolismos, significações, cultura.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade; Guardiões de sementes; Construção do conhecimento; Agroecologia.

Keywords: Agrobiodiversity; Seed guardians; Knowledge construction; Agroecology.

Introdução

A percepção de que as sementes, uma vez alocadas ao solo, germinavam e proporcionavam a emergência de plantas que outrora obtivera alimento, fecunda, gesta e gera uma revolução no modelo de sobrevivência de nossos ancestrais. Emerge a protoagricultura fruto da maior capacidade das mulheres em perceberem o ambiente onde estão inseridas. Dessa maneira, nossos ancestrais passam a produzir seus alimentos, mesmo que de forma rudimentar, o que paulatinamente desloca o seu modo de vida. No decorrer de séculos, nossa espécie passa de caçadora, coletora, nômade e torna-se sedentária, embora ainda existam diversos agrupamentos sociais que seguem tal prática.

A emergência da agricultura passa a forjar diversas novas percepções, atitudes, ações em nossos ancestrais, os quais passaram a perceber o desenvolvimento de uma nova vida e estabelecer relações ainda mais efusivas com as plantas. Ao trazê-las para a sua morada, processo que se conveniu denominar de domesticação, diversos caracteres genéticos nos vegetais e animais foram perdidos, bem como, outros passaram a ser manifestados.

O ato de cultivar o próprio alimento ampliou em nossa espécie a capacidade de transmitir informações, as quais, anteriormente, estavam ligadas a caça, pesca e coleta. Logo, a emergência da agricultura além de ampliar a base genética dos vegetais e animais possibilitou a transmissão dos simbolismos, sentidos, significados, percepções, atitudes, ações que estavam correlacionados com as formas de cultivo e preparo dos alimentos (MAZOYER; ROUDART, 2010).

Alheio a tudo isso estão o ambiente e necessidade de sobrevivência das espécies, necessidade primordial de todos os seres desde o mais singelo ao mais complexo, desde os que habitam as zonas mais profundas dos mares e aos que habitam as maiores altitudes do nosso planeta. Esses seres, como Charles Darwin há muito já nos mostrara são capazes de se adaptarem ao meio, visto que a sobrevivência não é do mais forte (DARWIN, 2003).

A agricultura é uma das formas de adaptação da nossa espécie, mais do que isso, transmitir, saberes, conhecimentos, percepções, práticas, atitudes, ações, sentidos, sementes era a condição *sine qua non* para obtermos êxito em sobreviver. Dessa maneira, o processo de transmissão e a adaptação das formas de conhecimento possibilitaram e teceram a adaptação da nossa espécie aos mais diversos habitats, o que passou a forjar novos conhecimentos e saberes desses atores.

A emergência de uma agricultura que se diz moderna passou a deslocar todas essas formas de transmissão de conhecimento, mais do que isso, relegou as sementes tradicionais, os atores que as mantêm e o conhecimento que esses trazem associado a manutenção, conservação e compartilhamento da agrobiodiversidade.

O presente trabalho tem como objeto elucidar o lócus da forja e transmissão do conhecimento das famílias agricultoras guardiãs de sementes caracterizando-o como um *espaçotempo*¹ denominado cotidiano.

Metodologia

O trabalho parte de uma metodologia qualitativa e participativa, que almeja dar voz aos *participantespensantes* dessa pesquisa, as famílias agricultoras guardiãs de sementes. O ambiente de pesquisa se caracteriza pelos municípios de Rio Grande e São José do Norte, situados no litoral médio do Rio Grande do Sul. Como critério de seleção das famílias agricultoras guardiãs de sementes, foram escolhidas as de mais idade,

¹ A aglutinação de termos, estética de escrita validado por Nilda Alves (2002), tem como pressuposto e objetivo produzir e ampliar sentidos e significações tecidos em redes, por uma junção e para romper a dicotomia do saber e da realidade. “A partir dessa compreensão, nas pesquisas com os cotidianos, escrevemos esses termos que nos acostumamos a ver dicotomizados pelo desenvolvimento das ciências na Modernidade, formando uma só palavra e em itálico: *espaçotempos*; *aprendizagensensinos*; *dentrofora*; *prácticasteorias*; etc. Esse modo de escrever/pensar serve para mostrar os limites que essa visão dicotomizada cria ao desenvolvimento das pesquisas com os cotidianos” (ALVES, 2013, p. 160). Essa estética, sempre possível, será utilizada neste trabalho.

subentendendo que essas são capazes de narrar as suas experiências, bem como apresentarem maior acúmulo de conhecimentos (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Como técnica de pesquisa, adotou-se as conversas, as quais se caracterizam não só como uma técnica, mas como uma atitude política-epistemológica-pedagógica, a qual permite uma maior relação entre os *participantespensantes*, uma vez que esses questionam os processos, compartilham, constroem o conhecimento, aliás “falamos com os estranhos, conversamos com aqueles que nos são próximos” (SERPA, 2010).

Resultados e Discussão

Os saberes, pensares, fazeres, poderes dos povos e agricultores tradicionais são saberes forjados ao longo de seus cotidianos, ou seja, são forjados ao longo da vida desses sujeitos. Os pesquisadores cotidianistas do campo do currículo da educação brasileira buscam em Michel de Certeau o significado de vida cotidiana, a qual é atribuída como um *espaçotempo* de criação de conhecimento permanente, de modos de conhecer, existir, viver com outros (CERTEAU, 2014). Logo, a vida cotidiana está em tudo que participa da vida do sujeito, ou seja, está no cerne do “acontecer histórico, é a verdadeira essência da substância social”. É a vida desses sujeitos por inteira, dos sujeitos que participam dessa vida com suas características, seus aspectos, suas individualidades (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018; ALVES, 2012).

Dessa maneira, assumimos o conceito de agroecossistemas proposto por Giessman (2005) como um local de criação e invenção permanente, mais do que isso, assumimos todas as relações que os agricultores e agricultoras constituintes das famílias agricultoras guardiãs de sementes estabelecem ao longo de sua vida como um processo de construção de conhecimento, o que faz timbrar o conceito de cotidianos rurais.

Em síntese os cotidianos rurais são as múltiplas, diversas e holísticas relações complexas que são tecidas em forma de rede. Relações que podem se estabelecer entre os mais diversos *participantespensantes* que estão inseridos nas redes e fora das redes. Sendo que, os agricultores e agricultoras com as suas trajetórias de vida, seus saberes, suas percepções, fazeres e poderes tecem, estabelecem e regem suas relações com os agroecossistemas e com os seres que o constituem, mais do que isso, a multiplicidade dessas redes que permeiam e impregnam o cotidiano dos agricultores familiares elucubram saberes, fazeres, poderes, os quais proporcionam a emergência de discursos, *teoriaspráticas*, as quais são tecidas e hibridizadas nos cotidianos. Há que se atentar ao fato de que, nos cotidianos, não há uma única autoridade, nem única, nem tampouco localizada, o que proporciona a impossibilidade de se identificar/classificar as características das redes, seu início, seu fim. Em contrapartida, essas redes imprimem, timbram sua marca nos seus participantes, que passam a carregar percepções, discursos, atitudes, ações, pensares, os quais estão ligados diretamente com as relações, práticas que são tecidas nos agroecossistemas locais.

As redes, que permeiam as nossas vidas, permite nos relacionarmos com os seres de saberes e dessas relações forjam novos valores, modos de pensar, fazer e apropriar as diversas redes de conhecimento e práticas. Em síntese, uma semente crioula não é somente o mínimo de matéria com o máximo de energia. Nela estão impregnadas

diversas formas e artes de se fazer, tecer, reger a agrobiodiversidade e os agroecossistemas, formas de como se tecer a arte da agricultura de como preparar os alimentos, caracterizadas pelos simbolismos, sentidos, sentimentos, percepções, atitudes, ações, práticas, lutas que as famílias agricultoras guardiãs implementam ao longo dos seus cotidianos. Dessa maneira, o guardar e conservar uma semente crioula não está alicerçado no ato de simplesmente armazená-la, mas sim, ao ato de dispersá-la para o calor da forja dos mais diversos agricultores, o que timbra, estabelece outras dispersões, compartilhamentos a respeito dos conhecimentos das épocas de plantio, dos modos de uso, preparo, consumo, o que configura a transmissão dos simbolismos, sentidos, significações que seguem a ser dispersados com as sementes. Em contrapartida, o *corpus* de conhecimento que recebe a semente, também tem as suas percepções, simbolismos, significações, atitudes (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008). É nesse confronto, choque de saberes intermediado pelas conversas que fazeres, poderes, práticas que se passa a construir, forjar novas percepções, novos conhecimentos, novos saberes, novos sabores. Tudo isso configura o cotidiano desses atores.

Posto isso, a semente crioula é a agulha que passa a tecer as redes de saberes, fazeres, poderes, a qual interliga, entrelaça os mais diversos atores sociais, ou seja, os nós que compõem a rede, uma rede de conhecimento, de causa e efeito, que se edifica na conservação da agrobiodiversidade e na construção de conhecimento. As feiras de trocas de sementes crioulas emergem como um lócus de visibilização e reconstrução e tessitura dessas redes.

Em síntese, os agricultores e agricultoras compartilham informações, sementes, saberes o que configura a perpetuação de diversas formas de simbolismos, sentidos, sentimentos, ações, atitudes. Mais do que isso, vê-se que esses atores estabelecem relações com seus agroecossistemas, relações de causa e efeito, ou seja, praticam determinadas atitudes que tem significados nos aspectos culturais dos atores, as quais influenciarão, e terão reflexos nos agroecossistemas. Esses reflexos são pelos agricultores reanalisados, reinterpretados e passam a ser fonte de novas percepções, atitudes, ações, as quais ditarão novas práticas que passarão a ser estabelecidas e tecidas nos agroecossistemas.

Pesquisar com os cotidianos exerce um profundo mergulho, troca, conversas, é possibilitar se acalantar no calor dos saberes dos seres, bem como poder proporcionar com que esses também se acalentem, para que dessa maneira, passamos a tecer o que se chama de cotidiano, passamos a nos inserir em um pensar trazido por Paulo Freire, não existe um saber mais ou saber menos, mas saberes, e são esses saberes, sem uma dada autoridade, que passa a tecer e estabelecer as redes de conhecimento do cotidiano. Em síntese, é estar imerso nas redes de *saberfazer*s (FERRAÇO, 2017)

Conclusões

Manter, conservar, compartilhar uma semente crioula vai de encontro a um sistema que busca homogeneizar o ambiente, os agroecossistema, os seres e seus saberes e conhecimentos, mais do que isso, os destitui dos simbolismos, sentidos, significações que estão sendo perpetuadas por gerações, o que configura a cultura de cada ator social

em cada contexto sócio-histórico. Compreender a vida como um locus de construção de conhecimento é inserir-se nos cotidianos desses atores, fazer parte das redes, impregnar e permitir ser impregnado de saberes, fazeres, poderes, percepções.

Os cotidianos permitem a inserção no ambiente de atores que não tem suas histórias contadas nos grandes livros, bem como não estampam as capas das grandes revistas, mas estão por aí, são [re]existentes, no sentido de existir e resistir, ou seja, pesquisar *com* os cotidianos é entrelaçar-se nas redes, fazer parte das redes e construir cada vez mais um conhecimento da vida vivida por inteira. A semente representa a autopoiese de Humberto Maturana: ela não só é vida como tem o poder de recriar a própria vida!

Referências bibliográficas

ALVES, N. Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16, Campinas, 2012. Anais ENDIPE didática e práticas de ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, UNICAMP: Campinas: Junqueira & Marin Editores, 2012. p. 26-38.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora Ltda. 1994. 336 p.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DARWIN, C. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Hemus Livraria Editora Ltda, 2003.

FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. da C. S.; ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2005. 653 p.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

SERPA, A. Conversas: caminhos da pesquisa com o cotidiano. **A página da Educação**, PROFEDIÇÕES - Lda, v.189, p.1-25, 2010.

TOLEDO, V.; BARRERAA-BASSOLS, N. **La memoria biocultural**: la importancia ecológica de los saberes tradicionales. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.